

Adição a quê? Desenvolvendo novas e reestruturando velhas perspectivas no trato a população de alcoolistas e drogaditos.

Autores

Fernando Ribeiro

Orientador

Mari Aparecida Pelissari

1. Introdução

Este trabalho referiu-se à conclusão de estágio em psicologia social do curso de formação em psicologia. O estágio foi desenvolvido no período entre agosto de 2005 e junho de 2006.

Para a análise do processo grupal, foi utilizado um referencial teórico o qual possibilitou-me alcançar os objetivos propostos neste trabalho. Foi trabalhado com o referencial das categorias sartreanas, da autora Lucília Augusta Reboredo, que em sua obra “De eu e tu a nós” refere-se à utilização das categorias sartreanas para a compreensão do desenvolvimento do processo grupal, partindo aqui do referencial da dialética histórico/marxista e dos paradigmas norteadores da psicologia social na América Latina. Este trabalho serviu de referência para compreender os momentos e evoluções dos sujeitos na esfera grupal tal como norteou a proposta dialética a qual remete-se tal modo de atuação.

Outro referencial norteador diz respeito à concepção acerca da identidade. Partindo dos referenciais de Peter Berger e Thomas Luckmann, da obra destes autores “A construção social da realidade” e do autor Antonio da Costa Ciampa e de sua obra “A estória do Severino e a História da Severina”.

Com os autores Berger e Luckmann objetivou-se compreender melhor a temática da sociedade como realidade subjetiva, adentrando nos pressupostos da interiorização da realidade vivenciada pelos indivíduos na sociedade e os modos de produção da socialização primária, secundária e da idéia do aspecto da resocialização e sua relações com o inevitável processo de institucionalização.

Na obra de Antonio da Costa Ciampa, em evidência o processo identitário que concerne à vida de um modo geral dos sujeitos pertencentes a uma sociedade, onde aqui entende-se o processo de identidade articulado a noção de dialética, como um processo evolutivo e não cristalizado, como movimento, partindo da idéia do eterno vir-á-ser e não do sujeito pronto. Um processo que envolve atividade na esfera da vida quotidiana para uma superação do momento de alienação para um processo de conscientização ou reflexão. Renovando a gama de personagens representadas por um dado sujeito. Entendendo tal tomada de consciência como mola propulsora aos aspectos metamórficos provenientes da evolução identitária dos

sujeitos.

Por fim Agnes Heller e a teoria acerca da vida quotidiana serviram de base a para a construção deste trabalho. Neste modelo, o sujeito apresenta-se em pleno contato com o mundo social que o cerca, participando de suas construções e transformações e estando apto à reflexão e a mudança de consciência tal como a cristalização de personagens e a alienação. Ser sujeito ou objeto, tornar-se sujeito ou objeto, não é uma tarefa de escolha apenas, mas uma gama de determinações que constituem este processo, sendo o eixo que caracteriza este movimento demarcado pelas esferas de objetivação “em si” e “para si”.

O local de desenvolvimento do campo foi o C.N.S. (Cantinho Nova Suíça). Instituição que se remete ao trato à dependência química. A Instituição é abrigadora dos seus residentes, possui um viés de trabalho coletivo, o qual corrompe a individualidade dos membros e muitas vezes acaba por engendrar o individualismo no coletivo, além de representações clássicas de institucionalização médica, que serviu de análise crítica para o trabalho. Nesta perspectiva analítica a qual visou-se trabalhar, o campo possuía as características essenciais para uma boa análise e uma possível contribuição à instituição, mais especificamente aos residentes que participaram do programa.

2. Objetivos

O trabalho no C.N.S. visou compreender seus residentes em suas condições atuais, bem como o significado que a institucionalização, como cenário cotidiano, assume para eles em seus empenhos e lutas para superarem a dependência e desenvolverem outros processos e laços de identificação pessoal e coletiva. Nesse sentido, considera-se o grupo, em seus momentos e movimentos, como local privilegiado para resgatar aos participantes a condição de sujeitos sociais que buscam mudanças e possibilidades pessoais para re-inserção social.

3. Desenvolvimento

A instituição caracteriza-se por ser um local no trato a dependentes de álcool e drogas do sexo masculino. No local e fora dele trabalham diversos profissionais de diferentes áreas, como: Médicos Psiquiatras, Psicólogas, Estagiário de Psicologia, Conselheiros de Dependência Química, Monitores e demais profissionais que eventualmente trabalham com algumas oficinas terapêuticas ou atividades esportivas. O C.N.S. exerce suas atividades no tratamento a dependência do álcool e das drogas alicerçando-se filosoficamente nos referenciais dos Narcóticos/Alcoólicos Anônimos, exercendo suas práticas no programa dos Doze Passos e na laborterapia.

O tratamento na Instituição tem o prazo de cinco meses. Ou como é chamado pelos Coordenadores (quatro + um). “Quatro”, pois são quatro meses dentro da instituição onde somente será possível a visita de familiares dentro na Instituição nos dias e horários previamente estabelecidos conforme as normas do tratamento. E o “mais um” refere-se ao último mês do tratamento denominado de “resocialização” onde os residentes podem passar este último mês parte do tratamento em suas casas e parte dentro da Instituição. Tendo dia e horário para sair bem como para voltar.

Então, para a estruturação deste trabalho, ora foram trabalhadas com vivências (ou técnicas) grupais, ora foram utilizados outros recursos (filmes, textos, letras e sons musicais e materiais de manuseio acessível) a fim de compreender o indivíduo no grupo em sua relação dialética, ou seja, em seus movimentos de contradição com o mesmo e com a sociedade, uma vez que o grupo é considerado como mediador da relação indivíduo-sociedade. O material coletado foi elaborado como diário de campo.

4. Resultados

A possibilidade da realização do trabalho na instituição não foi de grande dificuldade, pois os residentes já mostravam-se condicionados aos trabalhos ditos “terapêuticos” realizados e o fato de possuírem uma fala também “terapeuticamente treinada” já possibilitara um início. Logo então o processo tornou-se mais difícil ao perceberem que a mera reprodução filosófica ou orgânica acerca do que era a adicção não nos interessava muito neste trabalho, claro que não descarto sua importância.

O que então nos interessava era compreender o indivíduo no âmbito de suas relações e os efeitos nos mais diversos contextos que este encontro veio a causar. Compreendendo ali, sujeitos de ações práticas e reflexivas que lutavam para manter a abstinência do uso das drogas ou do álcool. Porém, o processo de desintoxicação facilitara a abstinência, mas para a manutenção da mesma não havia aspectos operativos suficientemente estruturados que os auxiliassem, pois o índice de recaída é imenso, e o programa acaba por gerar dependentes da instituição, pois só assim a abstinência está supostamente garantida.

A princípio tomou obrigatória, uma coleta do histórico de vida da população, suas características individuais e coletivas, onde percebeu-se uma precária valorização ao passado onde as coisas feitas até então tinham de ser deixadas para trás e não reestruturadas ou resignificadas para que a partir nisso o processo se transformasse. A idéia de reclusão estava associada à idéia de pena, onde “estou aqui, pois fiz algo ruim lá fora” e o fato de “ser outro ali”, ou seja, um “novo ser” corrompia qualquer possibilidade que este trabalho desse certo.

Um grupo de então míseros “drogados, excluídos e sem referenciais (já que era para esquecer lá fora)” constituía o grupo. A saída deste quadro alarmante foi à reinvenção deste conceito, em que as noções de presente-passado e futuro passaram a ser mais bem trabalhada junto ao grupo. Vivenciando o processo do coletivo como o “nós” e não como o “eu e o tu” em que supostamente fazia-se um “nós”. Visto que neste processo institucional a idéia de serialidade a princípio já nem existe, pois a carência afetiva dos membros que compõem o grupo e a demanda de tarefas operativas coletivizadas favorecia a idéia do grupo de achar que formavam um “nós”, onde na realidade prevalecia a total alienação do outro, os membros eram importantes enquanto mais um para ajudar nas tarefas, independente se era João ou José. E a noção afetiva compartilhada pela irmandade de A.A e N.A. na realidade tratava-se em sua maioria das vezes de uma manutenção de *status quo* para o controle dos seus membros. Ora também ideológico, onde havia a internalização da cartilha dos 12 passos, porém isso trás ao grupo uma defesa severamente intelectualizada que não produz efeitos que possibilitem a mudança, a expressão afetiva, valorativa e operativa em que se possa caracterizar o processo além disso.

Constata-se como resultante deste processo uma reformulação no que refere-se à alguns conceitos mal empregados no processo, onde novas perspectivas passaram a ser trabalhadas, ampliando a gama teórica e prática para compreender tal fenômeno da dependência química. Em que o aspecto da resocialização tem fundamental importância no programa quando trabalhando em todo o contexto do trabalho e não só em seu último mês. Uma melhor articulação entre os diversos profissionais que trabalham no local visto a então existência de trabalhos unilaterais que predominavam. Havendo uma ausência de noção do que se passa no processo como um todo, reproduzindo a especialização institucionalizada, já cega e com verdades cristalizadas. Adentrando assim os “pontos cegos” do processo, não para fechá-lo, mas sim abri-lo, o processo teve seu êxito, na medida do possível. Fez-se presente, interferente, e possibilitou aos membros algumas compreensões dos segmentos biológicos psicológicos e por fim sociais que os constituem.

5. Considerações Finais

As considerativas finais deste trabalho apontam ao fato de seu desenvolvimento ter-se caracterizado como uma importante ferramenta para a compreensão do movimento grupal no contexto teórico referido ao trabalho. Onde, inúmeras outras prerrogativas fazem-se presentes no processo, sua análise sempre foi mais ampla e os referenciais teóricos utilizados para este trabalho se complementaram e alicerçaram-se para tal, porém sempre deixando brechas para que novas indagações pudessem vir a serem feitas e novos moldes investigativos se dessem. Esta foi à riqueza do processo, onde não pretendeu-se aqui dar mais uma resposta, mas sim trazer inúmeras outras indagações que nos levasse a outras inúmeras respostas possíveis. O C.N.S. presentifica-se como uma instituição ora de cunho demasiado paternalista e a caracterização do modelo demasiado pedagógico em que respalda-se o trabalho de N.A. e 12 passos é um fator extremamente excludente a medida que não funciona com pessoas mais regredidas ou com um nível de formação mais carente. Ora então, o que muitas vezes passa a fazer sentido é somente a abstinência física acerca da substância dependente.

A compreensão errônea que se tem acerca do que seja a resocialização é um aspecto importante que poderia ter sido mais bem explorado junto à equipe de trabalho do C.N.S., pois a de se ter uma mudança de postura mais ampla neste constructo, pois essa problemática reflete-se nas inúmeras atividades que são exercidas na instituição. O indivíduo é pouco acompanhado de modo mais abrangente neste processo que não através das atividades específicas. Sendo assim, há em certa medida ainda uma noção de “especialismo” que perpassa os profissionais da instituição que passam a realizar lá trabalhos cegos, pois a visão que passam a ter é a da relação que tem o grupo no momento do seu “setting”.

As reuniões de equipe em um trabalho como este é algo que deve ser dada muita importância e valorizada, pois se ela não permite grandes mudanças, ao menos nos dá a possibilidade um bom referencial para construir nossas análises e a partir disso criar propostas mais consistentes que venham a trazer benefício a este programa de tratamento e aos residentes da instituição. Sendo assim, o que se entende por adicção neste processo passa a ser algo mais amplo do que se pensava.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, M.T.D. da S. *O Estudo de Identidades Individuais e Coletivas na Constituição da História da Psicologia*. São Paulo: [s.ed.], 2002.

CIAMPA, A. da C. *A Estória do Severino e a História da Severina: Um Ensaio de Psicologia Social*. São

Paulo: Brasiliense, 2001.

HELLER, A. *Sociología de la Vida Cotidiana*. Barcelona, Ed. Península, 1998.

HELLER, A. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

LANE, S.T.M. *O Que é Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

REBOREDO, L.A. *De eu e Tu a Nós*. Piracicaba-SP: Ed. Unimep, 1995.

REBOREDO, L.A. *Sobre o Trabalho com Grupos – Noções Práticas*. Piracicaba-SP:[s.ed.], 2004.

REBOREDO, L.A. *Psicologia Social: Curso e Percurso*. Piracicaba-SP: [s.ed.], 1998.

REBOREDO, L.A.; PELISSARI, M.A. *Noções Sobre Método e Metodologia Para Práticas em Psicologia Social*. Piracicaba-SP: [s.ed.], 2002.